

rima masculina aquela terminada por palavra oxítone e rima feminina as outras, assim como no provençal. Para Martins¹², o verso considerado típico pelos trovadores era o verso agudo e não o verso grave, como em português moderno. Essa diferença pode explicar o fato de que, na época, o verso era provavelmente contado até a última sílaba tônica.

Trata-se, pois, de distintos sistemas de contagem. Há, em um primeiro momento, uma predominância do verso agudo, o que aproxima formalmente a trova galego-portuguesa da trova provençal. Nesse sistema, conta-se geralmente o verso até a última sílaba tônica. A predominância do verso agudo é gradativamente substituída por uma predominância do verso grave, acompanhada por uma mudança de contagem silábica; passando-se a adotar o sistema métrico espanhol no período clássico e barroco. Essa contagem é, por sua vez, substituída pelas normas sistematizadas por Castilho, até hoje em vigor. Essa variação na contagem silábica do português leva a uma reflexão sobre a tonicidade das línguas portuguesa e francesa, o que é extremamente relevante para a tradução de poemas metrificados.

Antes de tratar do que está em jogo na tradução do metro de uma língua na outra, vale tecer algumas considerações sobre as regras referentes à elisão, sinérese, sinaléfa e hiato que, em francês, são semelhantes às do português. Bandeira as resume assim:

A contagem das sílabas no verso (metro) difere da contagem gramatical: o poeta pode elidir uma vogal na vogal seguinte dentro de uma palavra, ou da sílaba final de uma palavra para a sílaba inicial da palavra seguinte. À primeira figura se chama sinérese; à segunda sinaléfa. [...] A elisão pode atingir mais de duas vogais. [...] Um vogais são mais duras de elidir que outras: as elisões violentas como a-tê-gora comunicam ao verso certa força escultural, ao passo que os

12. Verso: *Dicionário de Literatura*, vol. II, org. Jacinto Prado Coelho, Rio de Janeiro, CBR, 1969, p. 1148.

hiatos, isto é, a não elisão das vogais, lhes conferem certa suavidade musical melódica. A escolha da elisão ou do hiato depende da natureza do verso e do gosto do poeta¹³.

Uma semelhança relevante entre as duas línguas é em relação à cesura. Como em português, em francês: "Todos os versos cuja medida não ultrapassa oito sílabas são versos simples, ou seja, versos que apresentam um só acento métrico, sobre a última vogal tônica"¹⁴.

Apesar das semelhanças, há diferenças importantes entre as duas línguas, sobretudo no que se refere à contagem silábica. Isso se reflete, por exemplo, no papel que uma determinada métrica tem na história da literatura, no caso, o alexandrino e o octossílabo.

TRADUZIR O VERSO ALEXANDRINO FRANCÊS

O alexandrino é um dos mais tradicionais versos franceses. Roubaud¹⁵, em um profundo estudo sobre a evolução do verso dodecassílabo em francês, explica que a origem do nome provém de um poema provençal, octossilábico, escrito no início do século XII por Albéric de Pisançon no qual canta as *Infâncias de Alexandre II*. Em 1160, um segundo poema sobre Alexandre II, de autor desconhecido, retoma, em francês, o texto provençal e, aproximadamente, em 1170, Lambert de Tort de Chateaudun, introduz a modificação na métrica que marcará definitivamente o verso de doze sílabas; desde que escreveu seu *Poème d'Alexandre* em dodecassílabos, todas as variações do relato épico dedicadas à vida de Alexandre II – variações que se popularizaram, sobretudo do século XIII ao século XV – passaram a ser escritas nesse metro.

13. *Op. cit.*, p. 3241.

14. Jean-Michel Gouvard, *La versification*, Paris, PUF, 1999, p. 91.

15. Jacques Roubaud, *La vieillesse d'Alexandre*, Paris, Ramsay, 1988, p. 7.

O Alexandrino em Francês

Apesar de utilizado nos poemas populares dedicados à vida de Alexandre o Grande, desde a Idade Média, o alexandrino, segundo Gouvard¹⁶, só passa a concorrer com o decassílabo na segunda metade do século XVI, tornando-se, desde então, o verso mais apreciado na lírica francesa. Tanto é que Ronsard, em 1572, no primeiro prefácio de sua *Franciade*, escreve que os alexandrinos (ao compará-los com os decassílabos) “são hoje os mais favoravelmente aceites pelos nossos senhores e damas da Corte”¹⁷.

Quanto à sua organização metrorrítmica, tanto os decassílabos, quanto os alexandrinos são versos em que há uma cesura separando-os em dois hemistíquios. O alexandrino, desde suas origens, é escandido 6-6, ou seja, as accentuações principais do verso encontram-se na sexta e na décima segunda sílabas.

Até meados do século XVII, quando se generalizou o seu uso na França, o alexandrino podia ser composto em versos com *cesuras épicas* que, de acordo com Roubaud¹⁸, permitem a colocação de um -e mudo, não elidido, entre a sexta e sétima sílaba do verso; como nos dois primeiros versos do exemplo a seguir, extrairdo do *Roman d’Alexandre*, de Alexandre de Paris,

1 *Qui vers de riche estoir(e) + veut entendre et oïr,*

2 *Pour prendre bon essamp(e) + de proëce acueillir,*

3 *De conoistre raison + d’aimer et de haïr*

4 *De ses amis garder + cheirement tenir [...]*

Nos versos 3 e 4, ocorre a cesura padrão em que a sexta sílaba corresponde à tônica final de palavra oxítona. Caso a última

16. Jean-Michel Gouvard, *op. cit.*, p. 135.

17. Apud Suberville, *Histoire et théorie de la versification française*, Paris, Éditions de l’École, s.d.

18. Jacques Roubaud, *op. cit.*, p. 7.

palavra do primeiro hemistíquio termine em -e mudo, é necessário que a palavra seguinte comece por uma vogal ou *h* mudo, como no seguinte verso de Edmond Rostand:

6 6
Il faut donner quand même à boire aux animaux

Essa forma, com cesura fixa e sinaléfa obrigatória em versos como o supracitado, corresponde à forma clássica, perfeita, do alexandrino, sendo as outras formas abolidas pelos puristas, mas, apesar das proscricções dos tratadistas clássicos, desde a Idade Média encontram-se esparsos exemplos de outras cesuras.

É só com Victor Hugo que surge uma vontade explícita de afirmar outra acentuação no dodecassílabo. Ele procurou escrever alexandrinos com outros parâmetros acentuais, sobretudo os chamados *trimetros* com acentuação 4+4+4, também nomeados de *alexandrinos românticos*. Roubaud¹⁹ salienta que Hugo, mesmo revolucionando a acentuação do alexandrino, “não destrói nunca completamente a possibilidade de uma marcação da posição 6, pelo menos igual às posições vizinhas”, como no seguinte trimetro:

4 (6) 8 12
Il fit scier son oncle Achmet entre deux planches

O alexandrino com posição 6+6 segue, assim, como a forma mais usual e clássica do alexandrino na tradição da poesia francesa, seguida do alexandrino trimetro, largamente utilizado por Mallarmé. Outras acentuações, porém, vêm sendo exploradas desde o século XIX até hoje, por poetas proeminentes como Rimbaud, Laforgue e, mais recentemente, Queneau. Estes dois últimos recorrem, segundo Aquien²⁰,

19. Jacques Roubaud, *op. cit.*, p. 104.

20. Michèle Aquien, *op. cit.*, p. 139.

com frequência às formas 5+7 e 7+5, como nestes versos de Laforge.

Toujours printanier + des renoncements tabhorrent (5+7)
Qui, dans leurs décennions + lunaires au frais (7+5)

O Alexandrino em Português

O verso alexandrino em português é uma herança da literatura francesa. Em sua forma tradicional 6+6, ele é conhecido em nossa tradição poética como alexandrino *clássico* ou *francês*. Trata-se, pois, de uma forma importada que, na primeira metade do século XIX, ainda era pouco praticada, como constata Castilho:

Não será fácil atinar com a razão por que um verso mais espaçoso que todos os outros, por consequência, mais capaz de pensamento e com uma partição symétrica, o que para o espirito de quem os faz e para o agrado de quem os lê, é ainda uma vantagem, tem sido até hoje tão escassamente cultivada em nossa lingua.²¹

Ainda de acordo com Castilho, essa forma tradicional é descrita como segue:

Ao verso de doze syllabas chamam alexandrino e tambem francez, porque entre os francezes é elle o heroico, como o de dez syllabas o é em Portugal, Castella e Itália. [...] Cabe, porém, advertir aqui por precaução, que muitos e não só principiantes, facilmente erram esta especie de medida, por suporem que sempre que tenham dois versos de seis syllabas terão um de doze; não é assim, requer-se indispensavelmente que se a ultima palavra do primeiro é grave, a sua

21. Feliciano de Castilho, *Tractado de Merrificação Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1851, p. 42.

final breve se perca, elidida em outra vogal, por onde começa a segunda parte²².

Respeita-se, pois, em português, em uma perspectiva clássica, a cesura na sexta sílaba tônica, sem que seja permitida palavra de acentuação grave nessa posição, a não ser que a palavra seguinte permita a sinalefa. Bilac sintetiza as regras envolvendo a feitura do alexandrino em português da seguinte forma:

A lei orgânica do alexandrino pôde ser expressa em dois artigos: 1º. quando a última palavra do primeiro verso de seis syllabas é grave, a primeira palavra do segundo deve começar por vogal ou por um h; 2º. a ultima palavra do primeiro verso nunca pôde ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda, a primeira do segundo pôde indifferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante²³.

O espírito normativo de Bilac e Castilho não impediu o desenvolvimento, entre simbolistas e modernos, de alexandrinos trimetros com ictos nas sílabas 4 e 8. Como assinala Sânzio Azevedo²⁴: “alguns tratadistas brasileiros (Geir Campos e José Rebouças Macambira, entre outros) dão a este alexandrino, com ictos em 4-8-12, a designação de Romântico, o que só tem sentido na França, visto que nenhum dos poetas do Romantismo o empregou”. Ainda segundo Azevedo, no Brasil, os românticos e, antes deles, os árcades, utilizaram, de fato, o alexandrino *arcaico*, *espanhol* ou *antigo*²⁵.

22. *Idem*, p. 41.

23. Olavo Bilac e Guimarães Passos, *Tratado de Versificação*, 8. ed., Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1944, p. 68.

24. Sânzio Azevedo, *Para uma Teoria do Verso*, Portaleza, Ed. UFG, 1997, p. 84.

25. Rogério Choclay, em sua *Teoria do Verso* (São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1974, p. 46) atenta para o fato de que a denominação de “arcaico” é indevida, pois há outros metros tão antigos, ou mais, que este. Melhor chamá-lo de *alexandrino antigo*.

Pérides Eugênio da Silva Ramos²⁶ afirma que o alexandrino *antigo* é sempre tetradecassilábico, de acordo com o sistema actual espanhol e, de acordo com o sistema de contagem actual brasileiro, pode ter 12, 13 ou 14 sílabas, isto é, no final do primeiro hemistíquio, a tónica pode ser em uma palavra oxítona, paroxítona ou proparoxítona, como se verifica nestes versos de Fagundes Varela:

Há um pesar ainda mais bárbaro e cruento!	(13 sílabas)
É esse que entregla as lágrimas nos olhos!	(12 sílabas)
E queima a gota fulgida que a madre natureza	(14 sílabas)
Verteu como um consolo, da vida entre os abrolhos!	(13 sílabas)

Quilis²⁷ assinala que esse verso, empregado com frequência em língua espanhola no século XIII, “desaparece praticamente, a partir do século XV, para ressurgir esplendidamente no século XIX, com o romantismo. Os poetas modernos o utilizaram com grande mestria e beleza”.

No Brasil, segundo Pérides Eugênio da Silva Ramos²⁸, os *alexandrinos antigos* encontram-se nos cancioneiros medievais gallego-portugueses. De acordo com Chociaj, o alexandrino:

Em sua receita tetradecassilábica, deixou de ser considerado, quase totalmente, após o Romantismo, substituído que foi pela do *alexandrino clássico ou francês*, dodecassilábica, cujo grande uso se deve principalmente à doutrina de Castilho, embora já tivesse sido praticada anteriormente por outros poetas, inclusive Bocage²⁹.

Diferentemente da história do alexandrino na França, o alexandrino dodecassilabo no Brasil só se popularizou no período pós-romântico, entrando, desde então, na tradição poética

26. Pérides Eugênio da Silva Ramos, “Romantismo e Versos Compostos”, *Do Barroco ao Modernismo*, São Paulo, Comissão Estadual de Literatura, 1968, pp. 147-154.

27. Quilis, *Métrica Española*, Madrid, Ed. Alcalá, 1978, p. 74.

28. *Idem*, p. 46.

29. *Op. cit.*, p. 147.

brasileira, em detrimento do alexandrino tetradecassilábico, que caiu em desuso. O verso alexandrino, no Brasil desde o século XIX, é o dodecassilábico tanto em sua forma clássica (6+6), como em sua forma tripartida. Esta pode obedecer à cesura medial ou não e, caso isso ocorra, trata-se, de acordo com Azevedo³⁰, de um alexandrino *trimetro imperfeito*, pois pode também se cindir na sexta sílaba, ainda que esta cesura não seja predominante, como neste verso de Emiliano Pernetta:

E ordena Herodes que // dego!em os poetas.

Em português, a estrutura 6 *grave* + 5 cria um efeito rítmico semelhante ao alexandrino clássico 6+6, uma vez que, na estrutura clássica, a sétima sílaba poética não deve ser uma sílaba tónica. Dessa forma, a última sílaba tónica do vocábulo *grave* inicia o segundo hemistíquio e a ela somam-se mais cinco sílabas poéticas, compondo um total de 12, como no verso de Valéry (traduzido por Haddad):

Elevaram-se augus // tos ao Nada dos Sonhos

De todo modo, o que é prescrito e normatizado nos tratados, frequentemente não é seguido à risca pelos poetas que, em geral, preferem explorar as possibilidades de andamento, deslocando os acentos em processo de construção do texto; ainda que, em poemas metrificados, haja uma tendência a manter-se uma estrutura isométrica.

Traduzir o Alexandrino Francês para o Português

A escolha de um parâmetro para a tradução, em português, dos alexandrinos escritos em francês exige atenção. Chociaj³¹ cita o exemplo de Jamil Almansur Haddad que ao traduzir Verlaine

30. *Idem*, p. 84.

31. *Idem*, pp. 49-50.

optou por um tratamento “livre de preceitos rígidos, conciliando, de certo modo, as receitas antiga e clássica (aprovetando ambas as possibilidades do mesmo fundo em que se inscrevem as duas receitas)”. Encontram-se, dessa forma, nas traduções do poema “Prólogo”, alexandrinos de primeiro hemistíquio agudo, de primeiro hemistíquio grave, trimetros e de estrutura 6 grave + 5.

Neste último caso, o efeito rítmico é, aliás, semelhante ao alexandrino clássico 6+6, ou seja, rítmicamente, o verso produz cadência homóloga e, em português, amplia as possibilidades de composição, uma vez que a índole das palavras é grave. Entretanto, ao cindirem-se os versos em dois hemistíquios, eles se tornam assimétricos; o que, na tradução de versos alexandrinos clássicos, corresponde a uma quebra na isometria dos hemistíquios.

Quanto à tradução de Haddad, note-se, primeiramente que em nenhum verso há alexandrinos tetradeassílabos, isto é, o tradutor restringe suas escolhas a um parâmetro isométrico. Além disso, é necessário salientar que Verlaine é um poeta simbolista, momento em que os poetas permitiram-se grandes liberdades, explorando novas possibilidades acen tuais, rítmicas, sintáticas e semânticas. Acrescente-se que o simbolismo re-presenta, também na poesia brasileira, um momento em que a acentuação do alexandrino se deslocou. Além disso, no período simbolista, o alexandrino dodecassílabo já havia sido incorporado em nossa tradição poética. Retórico-formalmente, as escolhas de Haddad são pertinentes, pois constroem um sistema homólogo ao do texto de partida.

Qualquer escolha, porém, deve ser nuançada e, sobretudo, contextualizada. Por exemplo, antes de traduzir o alexandrino de Apollinaire, é fundamental situar este metro em sua obra, mais especificamente para a análise proposta, nos *Calligramas*.

Os Versos Alexandrinos de Apollinaire

Apollinaire, apesar de ser moderno, é um poeta que seguidamente recorre a formas e a metros tradicionais. Dentre os metros utilizados pelo poeta, destaca-se, além do octossílabo, o alexandrino. Este aparece tanto em *Alcools* como nos *Calligramas*.

Apollinaire compõe geralmente seus alexandrinos de acordo com a tradição clássica francesa, isto é, alexandrinos formados por dois hexassílabos, em que se verifica, na maioria das vezes, uma coincidência com a pausa sintática na cesura. Apollinaire também respeita com frequência a cesura na sexta sílaba terminada em rima “masculina”³² e, quando há uma rima “feminina” terminada em -e mudo, ele introduz o segundo hemistíquio com vocábulo iniciado por vogal, não ocorrendo, pois, a cesura *épica*. É o que leva Roubaud³³ a constatar que: “Ao se estudar o alexandrino de Apollinaire, nota-se que a cesura chamada *épica*, a mais antiga e a primeira a ser prescrita da evolução do verso, quase não aparece”.

O diálogo com a tradição não impede, contudo, Apollinaire de eventualmente recorrer a outras distribuições acen tuais. Roubaud³³ cita como exemplo alguns versos do poema “Le Larron” do livro *Alcools*; como o verso

Voléur voléur QUE NE Demandais-tu ces fruits

em que a quinta e sexta sílabas são ocupadas por monossílabos “não marcados” tonicamente e, além disso, a primeira sílaba do segundo hemistíquio é também fraca. Há também o caso do verso

Linceste solAire et nOCCurrie dans les rues

em que a quinta sílaba do primeiro hemistíquio e a primeira do segundo são mais marcadas que a sexta sílaba tônica. Há mesmo versos como

32. Jacques Roubaud, *op. cit.*, p. 139.

33. *Ibidem*.

Avec de blêmes l'Aurès debout dans les chars

em que a sexta sílaba encontra-se em posição átona, no interior de uma palavra.

Esses casos são, contudo, exceções na obra de Apollinaire. Trata-se, como assinala Roubaud³⁴, de um caso extremo na obra de Apollinaire, são “violações locais” e eventuais, ou seja, elas guardam o sentido de uma violação, de um desvio em relação à norma, em geral, respeitada. O mesmo acontece, também, nos alexandrinos dos *Caligramas*.

O dodecassílabo é o verso predominante em sete poemas dos *Caligramas*. Em dois deles: “Pummées” e “Vers le Sud”, os alexandrinos são intercalados com versos octossílabos, já os seguintes são compostos apenas em alexandrinos: “Le Chant d’honneur”, “La nuit d’avril”, “À Nîmes”, “Les saisons et Tristesse d’une étoile”.

Esses sete poemas são rimados e em todos predomina a cesura na sexta sílaba.

Há, entretanto, um alexandrino trimetro no penúltimo verso de “Le Chant d’honneur”:

4 8

Des chants sacrés de la beauté de notre temps

Nele, verifica-se – nas sílabas 5 e 6 – dois monossílabos não marcados seguidos de sílaba fraca, no início do segundo hemistíquio. Há também, no poema “À Nîmes”, no sexto distico, um verso com uma métrica não regular. Trata-se do seguinte verso:

4 7

Tentends sonner les trompettes de l'artillerie

Nesse verso, não é possível uma escansão 4+8 e a sexta sílaba, por sua vez, está em uma sílaba átona no interior do vocábulo.

34. *Ibidem*.

Trata-se de um desvio considerável em relação à norma, que pode, também, justificar escolhas na tradução dos alexandrinos de Apollinaire.

Traduzir os Versos Alexandrinos de Apollinaire

Ao traduzir-se os alexandrinos de Apollinaire, e, em particular, os alexandrinos dos *Caligramas* –, é pertinente partir-se da estrutura do alexandrino 6+6, já que esta é a norma seguida por Apollinaire.

Note-se que o alexandrino antigo, que poderia servir de alternativa, não é utilizado pelos poetas modernos brasileiros. Além disso, a norma que orienta as composições de Apollinaire é a norma clássica e, como assinala Roubaud, a cesura *épica* é também evitada pelo poeta. Não há, pois, em Apollinaire, no que concerne o verso alexandrino, nenhum diálogo explícito com a tradição medieval, outro motivo pelo qual se poderia, eventualmente, ter optado pelo alexandrino antigo.

Como não se trata de fazer um comentário exaustivo, a título de exemplo, analiso a tradução do poema “À Nîmes” (“Em Nîmes”). É importante salientar que a reflexão sobre o metro dos alexandrinos visa apenas aos aspectos metrorrítmicos, uma vez que há um capítulo dedicado à rima.

Traduzir o Metro de “À Nîmes”

“À Nîmes” é um poema não só metrificado mas rimado, composto de catorze disticos dodecassílabos, com cesura da sexta sílaba. Há, porém, no original, o segundo verso do sexto distico que foge à regra. Na tradução apresentada, contudo, optou-se pelo padrão definido como o mais adequado para os alexandrinos de Apollinaire, que se pode verificar ao longo de todo o poema:

À Nîmes

*Je me suis engagé sous le plus beau des cieux
Dans Nice la Marine au nom victorieux*

*Perdu parmi 900 conducteurs anonymes
Je suis un charretier du neuf charroi de Nîmes*

*L'Amour dit Reste ici Mais là-bas les obus
Épousent ardemment et sans cesse les buis*

*J'attends que le printemps commande que s'en aille
Vers le nord glorieux l'intépide bleussaille*

*Les 3 servants assis dodôliment leurs fronts
Où brillent leurs yeux clairs comme mes éperons*

*Un bel après-midi de garde à l'écurie
J'entends sonner les trompettes d'artillerie*

*J'admire la gaieté de ce détachement
Qui va rejoindre au front notre beau régiment*

*Le territorial se mange une salade.
A lanchois en parlant de sa femme malade*

*4 pointeurs fixaient les bulles des niveaux
Qui remuaient ainsi que les yeux des chevaux*

*Le bon chanteur Girault nous chante après 9 heures
Un grand air d'opéra toi l'écoutant tu pleures*

*Je flatte de la main le petit canon gris
Gris comme leau de Seine et je songe à Paris*

*Mais ce pâle blessé m'a dit à la cantine
Des obus dans la nuit la splendeur argentine*

*Je mâche lentement ma portion de bœuf
Je me promène seul le soir de 5 à 9*

*Je selle mon cheval nous battons la campagne
Je te salue au loin belle rose ô tour Magne*

Em Nîmes

*Assim eu me alistei sob o céu mais formoso
Fui à Nice à Marina a de nome glorioso*

*Lá entre quase 1000 anônimos sublimes
Condutores eu fui da nona tropa em Nîmes*

*Fica aqui o Amor diz Mas os obuses no ar
Eposam o seu alvo ardentes sem parar*

*O comando vernal eu aguardo ansioso
De ir com a tropa anil rumo ao norte glorioso*

*Dentre os soldado 3 sentam e eu encaro-os
E minha esposa luz como seus olhos claros*

*Eu monto guarda à tarde em frente à estribaria
Quando escuto os clarins vindos da artilharia*

*Admiro o ar feliz deste destacamento
Que no front vai unir-se ao nosso regimento*

*Um reservista come ao sol sua salada
De anchovas ao falar de sua esposa acamada*

*Vejo 4 a fixar bolhas pra pontaria
Que dançam feito o olhar da minha montaria*

*O bom cantor Girault canta após 9 horas
Sua ópera entoa e tu escutas e choras*

*Acarinho co'a mão o canhãozinho gris
Gris como a água do Sena e eu sonho com Paris*

*Um pálido ferido explicou na cantina
Que à noite do obus fulge a luz argentina*

*Mastigo lentamente o bife que me dão
Das 5 às 9 a noite ando eu e a solidão*

*Selo meu animal trotamos o terreno
Tour Magne és linda rosa eu de longe te aceno*

Verifica-se, no primeiro verso do primeiro distíco, o uso dos princípios métricos do alexandrino clássico, com cesura na sexta sílaba e com final de primeiro hemistíquio em vocábulo oxítono. No segundo verso, ocorre uma sinalefa, como segue:

Assim eu me aliciei // sob o céu mais formoso
Fui à Nice à Mari // na a de nome glorioso

Note-se que, ao se falar dos aspectos metrorrítmicos no poema acima analisado e ao se apresentar tradução comentada do texto em questão, priorizou-se o aspecto acentual. Esse aspecto envolve outras questões retórico-formais em função do número de sílabas em jogo, como se pode notar no caso de um verso em que não há cesuras, como o octossílabo.

TRADUZIR O OCTOSSÍLABO

Desde os gregos e latinos, determinados gêneros literários vinculam-se ao número de pés ou sílabas que constituem os versos. Este é, também, um dos elementos centrais nas poéticas românicas medievais. Nessas línguas modernas, um dos metros mais utilizados é o octossílabo. Um breve apanhado mostra que, em algumas das principais línguas latinas, o octossílabo é, dentre os versos de arte menor, o mais produtivo. É o que ocorre, por exemplo, em francês.

O Octossílabo em Francês

Uma unanimidade entre os estudiosos da versificação francesa é a importância do octossílabo na história literária francesa. Lote cita o octossílabo como o primeiro entre todos os versos da língua francesa e ainda ressalta o uso universal desse verso, presente em quase todos os gêneros poéticos. Georges Lote também informa que “No século XV ele balança a fortuna do decassílabo e sobressai a este. É o verso favorito de Villon, dos poemas dra-

máticos sérios e dos autores de farsas. Assim, ele atravessa toda a Idade Média e sua força não é em nada diminuída quando chega à época moderna”³⁵.

A opinião de Lote é compartilhada por Suberville, Aquien e Gouvard. Este afirma que ele é o verso simples mais frequentemente empregado na poesia literária, pelo menos a partir do *mojen français*. Aquien acrescenta que o octossílabo não é só normalmente empregado em toda a poesia lírica, mas o é, também, em toda a poesia oficial. O octossílabo é, pois, ainda no século XIX, o metro mais empregado junto com o alexandrino, fazendo dele um dos mais universais e importantes versos da poesia francesa.

O Octossílabo em Português

Já na tradição literária de língua portuguesa, o octossílabo não teve a mesma sorte. Para Alvar, ele é uma importação francesa ou provençal, e acrescenta que “de qualquer modo, também não é um verso raro na tradição poética galego-portuguesa visto que cerca de 280 composições – dos três gêneros maiores – apresentam estrofes isométricas formadas por octossílabos”³⁶. Passado esse período inicial da poesia portuguesa, o octossílabo, ao contrário da tradição francesa, cai em desuso e desaparece do século XV até fins do século XVIII.

O uso ocasional do octossílabo na poesia portuguesa é cons tatado por todos aqueles que se debruçaram sobre o tema. Bilac³⁷, por exemplo, afirma que: “Os antigos poetas portugueses pouco empregaram este metro; o próprio Castilho cultivou-o duas ou três vezes. Entre nós, se não é muito comum, não deixa de ser amado”. Said Ali o considera:

35. Georges Lote, *Histoire du vers français (Tome I)*, Paris, Boivin, 1949, pp. 58-59.
36. Carlos Alvar, “Octossílabo”, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, 5a, org. Lanciani, Giulia e Tavani, Giuseppe, Lisboa, Caminho Editorial, 1993, p. 487.

37. Olavo Bilac e Guimarães Passos, *Tratado de Versificação*, 8. ed., Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1944, p. 64.